

**“HONDE HE O CONTRAHENTE NATURAL EMORADOR”:
EMPREGO DO H EM ASSENTOS DE CASAMENTOS
DO SÉCULO XVIII**

Lécio Barbosa de Assis (UESB)

falecomlecio@gmail.com

Jorge Augusto Alves da Silva (UESB)

jorge.silva@uesb.edu.br

Vera Pacheco (UESB)

vera.pacheco@uesb.edu.br

RESUMO

Neste trabalho, apresentamos o uso do h em assentos de casamentos do Livro nº 1 (1719–1753) da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de baixo do Rio de São Francisco. Partindo de um estudo filológico e paleográfico, buscamos descrever as situações para o emprego do h e a variação constante entre a presença e ausência do seu uso no *corpus* analisado para testar a hipótese de que os *scriptores* eram influenciados pela oralidade e pelo princípio etimológico, refletindo a admiração pela corrente Renascentista em voga na época. No tocante à análise filológica do *corpus*, consultamos obras produzidas no século XVIII (BLUTEAU, 1728; MADUREIRA FEIJÓ, 1734), além de recorrer à Paleografia (SPINA, 1977; CAMBRAIA, 2005; BERWANGER; LEAL, 2008) para a leitura e transcrição do manuscrito. Quanto à metodologia, foram adotados os seguintes passos: (i) leitura da reprodução fac-símile e em seguida, transcrição do manuscrito de acordo com a orientação de Spina (1994) e Cambraia (2005); (ii) foram sistematizados os vocábulos com o emprego do h e suas variações com o auxílio da ferramenta computacional *AntConc* (2011) e (iii) a consulta e comparação das grafias e etimologias em obras de referência, para verificar se as grafias encontradas no documento correspondiam com as descrições apresentadas pelas obras.

Palavras-chave:

Filologia. Uso do h. Assentos de casamentos.

ABSTRACT

In this work we present the use of h in wedding seats from Book nº 1 (1719–1753) of the Parish of Santo Antônio do Urubu de baixo do Rio de São Francisco. Starting from a philological and paleographic study, we seek to describe the situations for the use of h and the constant variation between the presence and absence of its use in the analyzed corpus to test the hypothesis that the scriptors were influenced by orality and by the etymological principle, reflecting the admiration by the Renaissance current in vogue at the time. Regarding the philological analysis of the corpus, we consult works produced in the 18th century (BLUTEAU, 1728; MADUREIRA FEIJÓ, 1734), in addition to using Palaeography (SPINA, 1977; CAMBRAIA, 2005, BERWANGER; LEAL, 2008) for reading and transcription of the manuscript. As for the methodology, the following steps were adopted: (i) reading the facsimile reproduction and then,

transcribing the manuscript according to the guidance of Spina (1994) and Cambraia (2005); (ii) the words were systematized with the use of h and its variations with the aid of the computational tool AntConc (2011) and (iii) the consultation and comparison of the spellings and etymologies in reference works, to verify if the spellings found in the document corresponded with the descriptions presented by the works.

Keywords:

Philology. Use of h. Marriage registration.

1. Introdução

Neste artigo, nosso enfoque está no emprego do h, presente em assentos de casamentos do Livro nº 1 (1719-1753) da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de baixo do Rio São Francisco, destacando-se a importância do labor filológico e paleográfico nos estudos de documentos históricos, que viabilizam a análise linguística, contribuindo para a reconstituição da história de uma língua e de um povo (MATTOS e SILVA, 2008).

Os registros paroquiais do Acervo da Cúria Diocesana de Bom Jesus da Lapa – Bahia abrem uma gama de possibilidades para análises no viés filológico e paleográfico, visto que são fontes históricas importantes para a “recuperação do patrimônio cultural escrito” (CAMBRAIA, 2005, p. 19) do sertão do Rio São Francisco.

Os assentos de casamentos, como fonte de pesquisa, possuem registros importantes para o conhecimento sócio-histórico, auxiliado pelo labor filológico, leva o texto a deixar de “ser um fim em si mesmo para se transformar em um instrumento que permite ao filólogo reconstituir a vida espiritual de um povo ou de uma comunidade em determinada época” (SPINA, 1977, p. 77).

Os assentos de casamentos em estudo apresentam peculiaridade e singularidade específicas, já que sua elaboração segue determinadas fórmulas preconizadas pelas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia (1719). Quanto aos *scriptores*¹⁰⁵, eram autoridades religiosas, responsáveis pela elaboração dos registros paroquiais, que seguiam um estilo formal, conforme as tradições documentais, embora fica evidenciado que alguns assentos são mais elaborados do que outros e que as variações gráficas encontradas no documento revelam o contexto sócio-histórico da época.

¹⁰⁵ O termo *scriptores* se refere às mãos de quem escreve os textos.

O objetivo deste estudo é analisar, por meio do viés filológico e paleográfico, as situações encontradas para o emprego do h e suas variações no corpus, com o intuito de responder a seguinte questão: o emprego do h e suas variações revelam o contexto sócio-histórico em que o documento foi escrito? A hipótese que levantamos para essa pergunta é a de que os *scriptores* eram influenciados pela oralidade e pelo princípio etimológico, refletindo a admiração pela corrente Renascentista em voga na época.

O *corpus* deste estudo é constituído por 231 assentos de casamentos presentes no Livro nº 1 da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de baixo do Rio São Francisco, pertencente à Capitania de Sergipe d'El Rey, cujas reproduções fac-similares pertencem ao acervo do Grupo de Pesquisa Educação Patrimonial: mapeando acervos históricos e culturais de Bom Jesus da Lapa, vinculado ao Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias – *Campus XVII*, da Universidade do Estado da Bahia-UNEB. O livro manuscrito faz parte do acervo da Cúria Diocesana de Bom Jesus da Lapa – Bahia.

Para alcançar os objetivos propostos neste trabalho, foram coletados dados do emprego do h, a partir da leitura e transcrição do documento em estudo, utilizando a reprodução fac-similar com base nas orientações de Spina (1977), Cambraia (2005) e Berwanger e Leal (2008). Os dados foram quantificados com o auxílio da ferramenta computacional *AntConc*¹⁰⁶ (2011) e para a análise filológica dos dados, adotamos obras de referência do período estudado, como o dicionário histórico do Padre Raphael Bluteau (1728), o *Vocabulario portuguez & latino* e a obra do Padre João de Moraes Madureira Feijó (1734), *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portuguesa*, para verificar se as grafias encontradas no documento correspondiam com as descrições apresentadas pelas obras do mesmo período, além da consulta das etimologias no *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha (1986) e o *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*, do Prof. Rosário Farâni Mansur Guérios (1979).

¹⁰⁶ <https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>.

2. O emprego do h

Ao investigar a variação gráfica do emprego do h no Livro nº 1 dos assentos de casamentos da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de baixo do Rio São Francisco, observamos que o uso do h e suas variações, representava a hesitação no momento da escrita, cujos *scriptores*, possivelmente, eram influenciados pelas fases de evolução da gramática da língua portuguesa, pelo contexto sócio-histórico e a realidade sócio-cultural do século XVIII, tal qual Silva (2011) observou em seu percurso de descrição e análise do Livro das Monjas, com o objetivo de revelar o estado da língua portuguesa num documento do mesmo século.

Para compreender o contexto sócio-histórico da época, no que tange às regras ortográficas, recorreremos à obra do Professor e Filólogo Ismael de Lima Coutinho (1971, p.14), que em seu livro *Pontos de Gramática Histórica*, expõe que a língua portuguesa “possui documentos literários apreciáveis, através dos quais podemos estudar as várias fases de evolução”. O autor afirma que as transformações ocorridas na língua não se deram por acaso, obedeceram às tendências naturais em meio aos acontecimentos sociais, políticos e culturais, dentro de cada período da história da ortografia portuguesa.

Coutinho (1971, p. 71-2) apresenta a informação de que a ortografia portuguesa nunca foi uniforme e o período pseudoetimológico contemplava uma grande tendência fonética. Coutinho (1971) descreve, ainda, que o conhecimento do latim, sobretudo com o Renascimento, foi a causa do aparecimento das complicações gráficas.

Sobre a questão da divisão da história da ortografia, Coutinho (1971) considera três períodos: o fonético, o pseudoetimológico e o simplificado. O período fonético se estende desde os primeiros documentos redigidos em português e vai até o século XVI. Nesse período havia flutuação na grafia das palavras e a preocupação fonética vigorava porque a língua era escrita para o ouvido, com o intuito de facilitar a leitura.

O período pseudoetimológico se inicia no século XVI e vai até 1904 com a publicação da obra *Ortografia Nacional* de Gonçalves Viana. O período é caracterizado pelo emprego de consoantes geminadas e insonoras, de grupos consonantais impropriamente chamados gregos, de letras como o y, k e w, sempre que ocorriam nas palavras originárias. O critério adotado, no referido período, seguia a grafia etimológica, mesmo que as letras originárias da palavra não representassem nenhum valor fo-

nético, tornando a influência do latim predominante no curso da história da ortografia.

Conforme aponta Edwin B. Williams (1975, p. 41), na obra *Do latim ao português*, no período etimológico ou pseudoetimológico, as grafias latinas e gregas foram utilizadas em desatenção à pronúncia e as opiniões dos ortografistas estavam longe de ser unânimes. Ainda em conformidade com o autor, no século XVIII, houve uma crescente publicação de manuais de ortografia que buscavam padronizar a escrita e estes, tiveram forte influência etimológica.

Em relação ao período simplificado, este inicia com a publicação da *Ortografia Nacional* de Gonçalves Viana, em 1904, e chega até os nossos dias (COUTINHO, 1971, p.75).

A partir da hipótese apresentada para o emprego do h no documento estudado de que os *scriptores* eram influenciados pela oralidade e pelo princípio etimológico, percebemos a necessidade de consultar alguns desses manuais de ortografia, a fim de conhecer melhor o nosso objeto de estudo.

Álvaro Ferreira de Véra, na obra *Orthographia ov modo para escrever certo na língua portuguesa* (1631), no capítulo X, sobre a aspiração do h, diz que o h serve somente aos latinos para a aspiração antes de vogal ou depois de consoante e para dar força a vogal que se junta. O ortografista traz exemplos do uso do h, cuja pronúncia não percebemos, como em Henrique – Enrique, homem – omem, mathemático – matemático, philósofo – filósofo, herdeiro – erdeiro, honrado – onrado e exemplifica que somente sentimos a aspiração do h, quando pronunciamos as interjeições: ha, ha (risos) ou ah, oh, além dos termos diferentes da língua portuguesa que os latinos não conhecem como ch, lh e nh. Véra (1631) adverte que a boa ortografia consiste em escrever como pronunciamos e da mesma maneira pronunciar como escrevemos.

Na obra de João de Moraes Madureira Feijó (1734), *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portuguesa*, na primeira parte, *Liçam X*, o autor caracteriza o uso da letra h na língua portuguesa, considerando que se deve chamar de letra e sem a qual as palavras não ficam significativas ou nem soam como elas realmente deveriam ser. Adverte que o uso do h em muitas palavras portuguesas são usadas como aspiração, enquanto que, em outras, o uso do h é necessário para evitar determinados equívocos: a exemplo de e, conjunção, de he, terceira pessoa do verbo *est*.

Ainda segundo Madureira Feijó (1734, p. 70), há outras muitas palavras, que não principiam por h, mas nas sílabas se escrevem com ele para a sua perfeita ortografia, como contrahente, Eucharistia, Bahía, co-habitar e nenhuma palavra portuguesa acaba em h, a exemplo de Joseph, palavra que não é nem latina, nem grega e por isso é chamada de peregrina.

Luís António Verney (1746), no *Verdadeiro Método para estudar*, explica em relação ao uso do h que nenhum português deve utilizá-lo, senão quando tiver diferente pronúncia como em ‘chave’ e ‘minha’ e nunca utilizar em ‘he’, ‘hei’, etc. Verney chama a atenção de que “o ‘é’ quando é verbo, se distingue do ‘e’ conjunção, pondo-lhe encima um acento” (1746, p. 23-4). Ainda segundo o autor, antigamente, o h era sinal de uma forte aspiração e no tempo da pureza da língua latina, os “omens doutos” nunca escreveram h depois de consoante, mas somente no início da palavra e antes de vogal, salvo em palavras de origem grega.

Além da consulta das obras supracitadas que refletem as etapas pretéritas da língua, apresentaremos a seguir algumas reflexões sobre o emprego do h, a partir de obras contemporâneas.

Raul Machado (1940, p. 46-47), na obra *Questões de Gramática Latina*, descreve que o emprego do h não era pronunciado entre a gente culta, apenas entre o povo que fazia uma leve aspiração. Segundo o autor, a aspiração popular chegou até as camadas mais elevadas socialmente, até tomar um caráter de pedantismo.

Mais adiante, Said Ali (1964, p. 45), em sua *Gramática histórica da língua portuguesa*, informa-nos que em português antigo, o emprego do h não era determinado pela preocupação etimológica e, mesmo depois de muito tempo de modernizado, o sistema ortográfico medieval, o h continuou presente nos monossílabos he, hũ, hi, ahi. Ainda segundo o autor, o período da Renascença aproximou-se mais do latim, suprimindo o h em algumas palavras e restabelecendo-o em outras.

Williams (1973, p. 35) acrescenta que a letra h foi usada para marcar o hiato entre duas vogais diferentes ou vogais de qualidade diferente, como em poher, tehudo, mãho. O uso do h antes de vogais iniciais, em determinadas situações, indicava o hiato com a vogal final da palavra precedente, como em ha (artigo), hidade, honde e hum. O emprego do h inicial foi fortemente omitido em palavras que o tinham no latim clássico, como em ouve (houve) e omē (homem).

Silva (2011, p. 269), considerando a questão do emprego do h, em seu trabalho sobre *o estado da língua portuguesa num documento do século XVIII*, atribui que o reaparecimento do h deu-se por influência do Renascimento, com o intuito de aproximação do vernáculo da língua latina, embora a influência não seguiu totalmente o rigor etimológico porque, em muitos casos, o emprego do h era utilizado em formas que não figuravam no latim.

Por seu turno, Bruno Fregni Bassetto, na obra *Elementos de Filologia Românica*, vol. 2, expressa que “o h não era considerado propriamente uma letra pelos gramáticos latinos, mas um mero sinal de aspiração, correspondente ao ‘espírito’ forte grego ou ao h do alemão” (BASSETTO, 2016, p. 55). De acordo com o autor, na Antiguidade pouco se usava o h no início de palavra ou junto a outra consoante e havendo, tempos depois, um período de uso abusivo (chenturiones, choronae, prae-chones), certamente por influência grega ou hiperurbanismo, denotando ainda alguma inadequação da aspiração ao sistema latino. A reação culta reimplantou a pronúncia do h inicial, abandonada já no período arcaico e os gramáticos insistiram em sua emissão, considerando sua ausência um rusticismo (BASSETTO, 2016, p. 78).

Em relação às línguas românicas, Bassetto (2016, p. 79-80) afirma que não herdaram o h aspirado do latim clássico, mas do contexto do latim vulgar, cujo modelo latino conserva ou introduz o h, sem valor fonético ou fonológico, como por exemplo: lat. *Homine* > port. *Homem*, cast. *hombre*, mas cat. *Ome*, gasc. *Omi*, prov. *Ome*, fr. *Homme*. Assim, o emprego do h passou a ser usado em combinações para grafar sons inexistentes no latim ou distinguir valores diversos das letras.

Dadas as reflexões acerca do emprego do h, nas próximas seções nos deteremos nos procedimentos metodológicos e na descrição e análise dos dados.

3. *Procedimentos metodológicos*

A fim de contribuir para a compreensão do emprego do h, este estudo utilizou como corpus 231 assentos de casamentos presentes no livro nº1 (1719-153) da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de baixo do Rio São Francisco, exarados por oito *scriptores* ao longo do período em que o documento foi constituído. A pesquisa documental utilizou a reprodução fac-similar para a leitura e transcrição do documento.

Para a coleta dos dados e constituição da amostra dos vocábulos grafados com h e suas variações, utilizamos a ferramenta computacional *AntConc* (2011) para identificar as ocorrências e quantificar as frequências do objeto pesquisado.

Após o levantamento das amostras, consultamos o *Vocabulário Português e Latino* de Rafael Bluteau (1728), a *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portuguesa* de João de Moraes Madureira Feijó (1734), o *Dicionário etimológico da língua portuguesa* de Antônio Geraldo da Cunha (1986) e o *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes* do Prof. Rosário Farâni Mansur Guérios (1979), a fim de permitir melhor comparação entre as grafias encontradas no documento estudado e nas normas de ortografia vigentes na época e suas etimologias, além de consultar outros autores para possíveis explicações para as variações gráficas.

4. Descrição e análise do emprego do h no corpus

A partir da caracterização dos períodos da ortografia portuguesa (COUTINHO, 1971) e da explicação do emprego do h pelas obras consultadas, a descrição e análise dos dados será feita com base nos exemplos encontrados nas três situações do emprego do h, a saber: influência etimológica, pseudoetimológica e forma de marcar o hiato. As grafias foram comparadas com as obras de referência citadas anteriormente.

A Tabela 1 mostra os dados referentes ao emprego do h, sob a influência etimológica.

Tabela 1: Emprego do h – influência etimológica.

Transcrição	nº de ocorrências	Bluteau (1728)	M. Feijó (1734)	Cunha (1986)
horas	03	Hora	hóra	hora
hora	02	Ora / hora	-	ora (há hora/ por hac hora)
homem	27	Homem	homem	Homem (lat. <i>homo-</i> inis)
habito	03	Habito	hábito	Hábito (lat. <i>habitus</i>)
Parochia	02	Parochia	Parróquia Parochia paroquia	Paroquia (lat. <i>Parochia</i>)
Parochial	01	Parochial	Parrochial Parroquial	Paroquial (lat. <i>eclles.</i>)

Parocho	08	Paroco	parochial Parróco Parocho	<i>parochialis</i> Pároco (lat. <i>parochus</i>)
----------------	----	--------	---------------------------------	---

Fonte: Elaborada pelos autores.

Ao investigar as entradas e etimologias dos vocábulos nas obras de referência, constatamos que o uso do h, nos casos apresentados na Tabela 1, é etimológica, já que provém da origem ou formação do latim.

Nos exemplos horas / hora, podemos ver que a influência etimológica do lat. *hora* recaiu sobre a expressão “por ora”, que dá a ideia de “no momento ou agora”, como demonstra os contextos a seguir:

- (1) pelas tres **horas** da tarde em esta Matris de S.^{to} An | tonio” (f. 11v.)
- (2) e **hora** moradora na | de Santo Antonio do Urubû de bx.º do Rio de Sam Francisco” (f.17v.)
- (3) mas p **hora** moradora e assistida nesta | de S.^{to} Ant.º do Urubû, [...]” (f.36 v.)
- (4) Sem mais **oura** nenhúa” (f. 20 v.)

Em (1) a palavra hora, grafada com h, refere-se ao tempo cronológico. Nos exemplos (2) e (3), a palavra hora, grafada com h, não se refere ao tempo cronológico, e sim ao momento atual ou no presente momento. Em Cunha (1986), lemos “ora” para se referir a esta situação, apresentando a origem da expressão “por ora” do latim *há hora / por hac hora*.

No exemplo (4), encontramos “oura”, que de acordo com o contexto, indica sem mais nada a declarar.

Quanto aos vocábulos homem e hábito encontrados no documento, a partir do que observamos, estes correspondem às grafias das obras consultadas.

No tocante aos exemplos parochia, parochial e parocho, Madureira Feijó (1734, p. 428) apresenta a seguinte explicação: párocho, parochial e paróchia imitam a palavra latina *párochus*, tirado do grego *párochos*, enquanto que o uso das grafias pároco, paroquial e parróquia imitam a ortografia a pronúncia e por isso não utiliza o ch.

Ao longo da leitura e transcrição do documento, percebemos também frequentes variações no uso do h, em relação à grafia dos nomes próprios. A Tabela 2 apresenta os exemplos encontrados no corpus:

Tabela 2: Emprego do h – Influência etimológica em relação aos nomes próprios.

Transcrição	n.º de ocorrências	Guérios (1979)
Escholastica	01	Escolástica (lat. Scholastica)
Escolastica	02	Escolástica (lat. Scholastica)
Christina	03	Cristina (lat. Christinus)
Chrystovam	01	Cristóvão (lat. Christophanus)
Cristovão	02	Cristóvão (lat. Christophanus)
Michaela	03	Micael (a) (lat. Michael)
Joachim	17	Joaquim (hebr. Ioakhin; Ioiaquim)
Archangella	01	Arcângelo (lat. Archangelus)

Fonte: Elaborada pelos autores.

Os nomes próprios coletados na fonte documental e encontrados na obra de Guérios (1979) atestam como suas formas etimológicas são encontradas no latim, sendo presente no documento a variação do uso do h no momento da escrita em alguns casos, como em Escholastica e Escolastica e Chrystovam/ Cristovão.

No que diz respeito ao emprego do h com o uso pseudoetimológico, encontramos as seguintes ocorrências, como mostra a Tabela 3:

Tabela 3: Emprego do h – uso pseudoetimológico.

Transcrição	n.º de ocorrências	Bluteau (1728)	M. Feijó (1734)	Cunha (1986)
honde	03	Onde	-	onde
hú	13	-	-	-
hum	36	Hum / um	Hum	um (lat. Ūnus)
huá	02	Huma / uma	Hua/ huma	uma (lat. Ūna)
he	116	he	He	-
eh	02	-	-	-
sachristão	01	sacristão	-	Sacristão (lat. sacristanus)

Fonte: elaborado pelos autores.

Em relação ao pronome relativo “onde”, o uso do h ocorreu em três situações, a saber:

- (5) nesta Igr.^a **honde** os Contraentes são moradores e aSisten | tes (f. 63 v.);
- (6) ena de Jezus M.^a Jozêe Sam G.^{lo} do Pe do Banco | **honde** o contraentehe natural, (f.63 v.);
- (7) na | freg.^a de Jezus M.^a Jozê do Pe do banco **honde** he | natural e aSistente” (f. 64 r.).

O uso do onde ocorreu em 157 situações, conforme a terminologia usada por Bluteau (1728), ficando restrito a um pequeno número de ocorrências com o uso do h. Nas 03 ocorrências, portanto, a grafia com h não é etimológica e segundo Williams (1973, p. 35) a letra h pode ter sido utilizada para marcar o hiato com a vogal final da palavra precedente, como pode ser observado nas situações descritas anteriormente.

No que diz respeito ao uso do h na posição inicial dos numerais “um” e “uma” é recorrente em todo o documento o uso do h inicial, não havendo ocorrência desses numerais sem o seu uso, como ilustram os exemplos a seguir:

- (8) Aos vinte dias do mes de Setembro demileSete | centos e Sincoenta e **hum** anos (f. 79 r.)
- (9) Aos nove dias do mes de Fevreyro de mil e Setecentos e in | coenta e **hú** anos (f. 76 v.)
- (10) em **huá** certdaõ do dito R.^{do} P.^e Assistente (f. 20.r.)

Madureira Feijó (1734) registra em sua obra a grafia hum e huá, assim como Bluteau (1728) que faz a seguinte observação: “Hum, adj. numeral, de *unus* latino; não sei porque os etimologistas se obstinão a escrever este adj. com h, já que nem o pede a etymologia, nem a pronuncia, que não he aspirada” (BLUTEAU, 1728, p.686). Conforme Cunha (1986, p. 660), as formas atuais de um, uma, uns, umas, do latim *ūnus* e *ūma* através do arcaico *ũu* e *ũa* só se generalizaram a partir do século XVII.

Consideremos, agora, a forma grafada para a terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo ser, “he”. Madureira Feijó (1734, p. 70) salienta que em muitas palavras portuguesas é preciso utilizar o h para diferenciar de outras, a exemplo do “e” conjunção e “he” terceira pessoa do verbo ser no português. Ademais, Verney (1746) observa que o verbo deveria se distinguir da conjunção utilizando o sinal diacrítico.

A representação gráfica da conjunção “e” foi registrada em 691 ocorrências, além de 02 casos em que a variação “eh” foi encontrada, o que nos leva a inferir que o uso do h foi utilizado para marcar o hiato com a vogal inicial da palavra seguinte, como mostra os exemplos (11) e (12):

(11) que por verdade aSigney, dia, **eh** era ut Supra. (f.70 v.)

(12) deq | tudo fis este aSento, que por verdade aSigney, dia, **eh** era ut supra.” (f. 70 v.)

A partir dos dados apresentados na Tabela 3, observamos que na grafia das palavras reflete o contexto da época em que o documento foi escrito, especialmente pela influência da variação etimologizante.

No que concerne ao uso do h para formar o hiato, podemos observar os resultados na Tabela 4:

Tabela 4: Emprego do h – forma de marcar o hiato.

Transcrição	n.º de ocorrências	Bluteau (1728)	M. Feijó (1734)	Cunha (1986)
contrahentes	165	contrahente	contrahentes	Contraente (lat. <i>contrahēre</i>)
sahio	01	sahir	sahir	Sair (lat. <i>sālire</i>)
Bahya	05	Bahia	Bahía	Bahía
Bahia	02	Bahia	Bahia	Bahia

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nos dados da Tabela 4, a letra h se destaca pela formação do hiato, ocorrendo variação na escrita dos vocábulos “contraentes” (165 ocorrências), e “contraentes” (104), sendo comum encontrar as variações escritas pelo mesmo punho e no mesmo assento.

Quando a grafia de ‘sahio’, Bluteau (1728) e Madureira Feijó (1734) registram a grafia “sahir”. Na entrada do dicionário etimológico de Cunha (1986, p. 576), temos a forma “sair”, do lat. *sālire*.

Quanto ao topônimo “Bahya” e “Bahia”, as obras consultadas apresentam a mesma grafia: “Bahia”.

Além dos dados apresentados na Tabela 4, encontramos o uso do h como marcador do hiato em nomes próprios, a exemplo de: “Arahujo”,

“Carahibas”, “Sucurihu” e “Marhcos”. Em relação aos nomes e sobrenomes, consultamos a obra de Guérios (1979) para atestar as etimologias.

No que se refere ao sobrenome português “Arahujo” e “Araujo”, encontramos 05 ocorrências com o uso do h entre as vogais e 14 ocorrências sem o h. A hesitação no momento da escrita também ocorria no labor de um mesmo *scriptor*.

No tocante aos vocábulos de origem tupi “Caraiabas” (*Karayíwa*) e “Sucurihû” (*sukuri-iúwa*), encontrados nas fontes para denominar determinadas localidades (no citio das **Carahibas** desta freguesia” – f. 14 v.; no Citio do **Sucurihû** desta freg.^a – f. 15 r.), são empregados o h para separar o hiato, embora não sendo de origem etimológica, conforme consulta ao Dicionário Michaelis On-line¹⁰⁷.

Referente ao vocábulo ‘Marhcos’ (Sendo presentes | por testemunhas Pedro Barboza e **Marhcos** Ferraõ – f. 69 v.), o uso do h para marcar o hiato entre vogais, ocorreu entre duas consoantes, possivelmente, o uso recorrente desse recurso, levou o *scriptor* a cometer esse erro de hipercorreção.

Face ao exposto nesta seção, podemos observar que em todo o manuscrito, encontramos exemplos do emprego do h nas três situações: influência etimológica, pseudoetimológica e forma de marcar o hiato, influenciados pela falta de uniformidade da ortografia da língua portuguesa no contexto sócio-histórico do século XVIII.

5. Considerações finais

Nestas reflexões acerca do emprego do h e suas variações em um livro de assentos de casamentos do sertão do São Francisco, notamos que os resultados demonstraram que os *scriptores* seguiram as tendências da escrita do seu tempo em que o predomínio da influência da grafia latina vigorava no século XVIII. As variações no emprego do h mostram a atuação da latinização, por influência do Renascimento e também pela ausência de normatização ortográfica da língua portuguesa, no referido período, o que intensificava a oscilação gráfica no momento da escrita.

¹⁰⁷ <https://michaelis.uol.com.br/>. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Acesso em 30/03/2021.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fonte manuscrita:

Livro nº 1 de Registros de Batizados da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de Baixo (1719-1953). Arquivo da Cúria Diocesana de Bom Jesus da Lapa – Bahia.

Fontes impressas e eletrônicas:

ALI, Manuel Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

ANTHONY, L. Lawrence Anthony Website (AntConc). Disponível em: <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/index.html>. Acesso em: 16 jul. 2020.

BAHIA, Arcebispado. *Constituiçãoens primeyras do Arcebispado da Bahia feytas, & ordenadas pelo Illustríssimo, e Reverendissimo Senhor D. Sebastião Monteyro da Vide, Arcebispo do dito Arcebispado, & do Conselho de Sua Magestade, propostas, e aceytas em o sínodo Diecesano que o dito Senhor celebrou em 12 de junho de 1707*. Lisboa Occidental: na Oficina de Pascoal da Sylva, Impressor de Sua Magestade, 1719. Disponível em: <http://purl.pt/24092>. Acesso em: 01fev. 2021.

BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica: história interna das línguas românicas*. São Paulo: EDUSP, 2010. v. 2.

BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. *Noções de Paleografia e Diplomática*. Santa Maria: UFSM, 2008.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1728. 8 v. Disponível em: <http://purl.pt/13969>. Acesso em: 10 jun. 2020.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 6. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1971.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e acresc. de um supl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1986.

GUÈRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3. ed. rev. e amp. São Paulo: Ave Maria, 1979.

MACHADO, Raul. *Questões de Gramática Latina: pronúncia do latim e elementos de fonética histórica latina*. Lisboa: Clássica, 1940.

MADUREIRA FEIJÓ, João de Morais. *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portuguesa*. Lisboa Occidental: na Oficina de Miguel Rodrigues, Impressor do Senhor Patriarca, 1734. Disponível em: <http://purl.pt/13>. Acesso em: 01 fev. 2021.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, Jorge Augusto Alves. *O estado da língua portuguesa num documento do século XVIII: abordagem sócio-histórica de fenômenos linguístico do livro das Monjas*. In: CAMBRUSSI, M. F.; ARAGÃO NETO, M. M. (Orgs). *Léxico e Gramática*. Curitiba: CVR, v. 1, p. 237-62, 2011

VÉRA, Álvaro Ferreira de. *Orthographia ou modo para escrever certo a língua portuguesa*. Lisboa: Mathias Rodriguez, 1631. Disponível em: <http://purl.pt/12>. Acesso em: 01 fev. 2021.

VERNEY, Luís António. *Verdadeiro método de estudar: para ser útil à Republica, e à Igreja: proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal*. Oficina de Antonio Balle, 1746. Disponível em: <http://purl.pt/118>. Acesso em: 01 fev. 2021.

WILLIAMS. Edwin Bucher. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Trad. de Antônio Houaiss. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; 1975.